

COLEÇÃO
PANATHLON
CLUBE DE LISBOA



**QUESTÕES
EM ABERTO
SOBRE ÉTICA
DESPORTIVA
NA VISÃO DA SAÚDE**

Coordenação de
LUÍS HORTA

TÍTULO

**QUESTÕES EM ABERTO SOBRE ÉTICA DESPORTIVA
NA VISÃO DA SAÚDE**

COLEÇÃO

Panathlon Clube de Lisboa

COORDENAÇÃO

Luís Horta

EDIÇÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.
Praça da Corujeira n.º 38 · 4300-144 PORTO
Tel: 220 939 053 · E-mail: geral@quanticaeditora.pt · www.quanticaeditora.pt

CHANCELA

Sportbook – Conteúdos de Desporto

DISTRIBUIÇÃO

Booki – Conteúdos Especializados
Tel. 220 104 872 · info@booki.pt · www.booki.pt

APOIO

Panathlon Clube de Lisboa · www.panathlonlisboa.pt

DESIGN

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

IMPRESSÃO

Setembro, 2024

DEPÓSITO LEGAL

536205/24



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Copyright © 2024 | Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

Todos os direitos reservados a Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

A reprodução desta obra, no todo ou em parte, por fotocópia ou qualquer outro meio, seja eletrónico, mecânico ou outros, sem prévia autorização escrita do Editor e do/s Autor/es, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.

Este livro encontra-se em conformidade com o novo Acordo Ortográfico de 1990, respeitando as suas indicações genéricas e assumindo algumas opções específicas.

CDU

796 Desporto. Jogos. Exercícios físicos

DOI

<https://doi.org/10.61875/9789899177529>

ISBN

Papel: 9789899177529

E-book: 9789899177536

Catálogo da publicação

Família: Desporto

Subfamília: Pedagogia e Didática do Desporto

**QUESTÕES
EM ABERTO
SOBRE ÉTICA
DESSPORTIVA
NA VISÃO DA SAÚDE**

Coordenação de
LUÍS HORTA

ÍNDICE

Prefácio

Mário Almeida..... VII

Introdução

Uma visão multidisciplinar e multicultural no respeito pelas diferenças

Luís HortaIX

1. Ética e Antidopagem – visão histórica numa perspetiva

Kantiana

Marco Aurelio Klein (Brasil)..... 15

2. Ética, Medicina e Movimento Olímpico

Ana Rente e Beatriz Martins (Portugal) 29

3. Ética, Paradesporto e Classificação desportiva

Jaime Antunes e Ana Moreira (Portugal) 45

4. Ética, Medicina Desportiva e Antidopagem nos PALOP

Humberto Lima Évora (Cabo Verde)..... 63

5. Ética, Suplementação e Antidopagem – a perspetiva da nutricionista

Mónica Sousa (Portugal)..... 77

6. Ética, Transgêneros e Autorizações de Uso Terapêutico

Rogério Friedman (*Brasil*)91

Notas Biográficas 103

PREFÁCIO

Depois do primeiro volume da Coleção Panathlon Clube de Lisboa – *Questões em Aberto na Ética Desportiva*, coordenado pelo Prof. Rui Proença Garcia – lançámos um desafio ao Dr. Luís Horta para coordenar este segundo livro - *Questões em Aberto na Ética Desportiva na visão da Saúde*.

Saúde como descritor de significado amplo, procurando contribuições de vários domínios complementares, da medicina, biomedicina e motricidade, que aportam conhecimentos contínuos que são também a plataforma científica da regulação que hoje impende sobre o Desporto, em que se espera que a Medicina contribua para melhorar o desempenho e prevenir lesões, subordinada ao primado da saúde pessoa – o atleta.

À medicina tradicional, de uma quadratura ético-deontológica, de um juramento que tem o Homem no seu centro, apresenta-se como desafiante tentar equilibrar os meios médicos com fins não médicos. Na verdade, o tratamento médico dos atletas pode estar sujeito a orientações legais e éticas especiais. Enquanto medicina desportiva moderna ela debate-se com desafios éticos de confidencialidade e autonomia do paciente, consentimento informado, publicidade, uso de drogas e tecnologia inovadora que seguramente requereria uma reescrita complementar de um código ético específico da medicina desportiva sempre garantindo que o importante é prestar o melhor e mais ético cuidado ao atleta.

Temas em aberto ... na visão da Saúde constituem assim um assunto sistémico quando a Medicina Desportiva é, ela própria, um tema em aberto, pois ao Médico de Desporto é muitas vezes pedida uma intervenção consultiva a montante do avanço terapêutico e tecnológico, do ecossistema industrial que rodeia o desporto, sem muitas vezes

conseguir salvaguardar os respetivos ensaios de prova cujos tempos de conclusão colidem com os interesses que assentam numa velocidade orientada por princípios alheios aos códigos de valores dos médicos.

Conseguir neste contexto, nas mais diversas idiossincrasias de uma lusofonia¹ que é convocada a contribuir, apresentar um livro multidisciplinar e coautorado, sobre temas tão complexos como os arrolados pelo seu coordenador – Antidopagem, Paradesporto, Nutricionismo, Hiperandrogenismo, Transgéneros e Autorizações de Uso Terapêutico – é um ato de responsabilidade e coragem, quando em muito destes temas o próprio Desporto não encontrou sólidos, e às vezes até mesmo ligeiros, consensos.

São questões em aberto, como diz o título, e estamos certos que outros surgirão num futuro de galopantes alterações que assolam o Desporto.

Lisboa, 6 de setembro de 2024

Mário Almeida

Presidente do Panathlon Clube de Lisboa

¹ Note-se que esta obra desenvolve-se em língua portuguesa de diferentes latitudes lusófonas conforme o/a autor/a, pelo que termos como este poderão ser apresentados com outra acentuação, por exemplo.

INTRODUÇÃO

UMA VISÃO MULTIDISCIPLINAR E MULTICULTURAL NO RESPEITO PELAS DIFERENÇAS

Luís Horta

A globalização e a digitalização levaram a que a divulgação do conhecimento se dê a uma velocidade estonteante e seja difundida a todos os estratos sociais, o que conduz a uma maior democraticidade no acesso à informação e às estratégias inovadoras. Neste Mundo Global os mais fortes e ativos nas redes sociais publicitam “receitas” para solucionar os problemas, que preocupam a população mundial, como se pudessemos resolver esses problemas com uma solução ou estratégia que se aplique a todos os países do mundo.

Os burocratas de algumas Organizações Internacionais concebem regras ou regulamentos de aplicação global ou continental, sem muitas vezes se preocuparem com particularidades socioculturais, económico-financeiras e de caráter ambiental de determinadas regiões ou países. Por vezes, os países ocidentais pretendem convencer que as suas soluções são de aplicação global e tentam implementá-las noutros países ou regiões com culturas e realidades sociais muito diferentes. Mais tarde ou mais cedo, conclui-se que essas iniciativas não deram os resultados esperados e por vezes têm mesmo um resultado catastrófico para as comunidades locais.

O respeito pelas diferenças e a adaptação das estratégias às especificidades de cada país ou região são elementos cruciais deste mundo globalizado.

As necessidades em termos de Medicina Desportiva são muito diferentes consoante as regiões e os países. Nas diversas ações de formação em

1. ÉTICA E ANTIDOPAGEM - VISÃO HISTÓRICA NUMA PERSPETIVA KANTIANA

Marco Aurelio Klein

Neste ano de 2024 celebra-se o 300º aniversário do nascimento de Immanuel Kant, em 22 de abril de 1724, em Königsberg, no litoral do Mar Báltico, entre Lituânia e Polónia, então parte da Prússia. Com a derrota da Alemanha Nazista, a região passou para o domínio da União Soviética Russa e hoje é Kaliningrado, capital da região russa de mesmo nome. Kant é, um dos mais importantes filósofos do Iluminismo (“... a razão conduz os homens ao progresso”).

Kant entrou na minha vida quando eu ainda nada sabia de filosofia, sociologia ou antidopagem. Era apenas um pré-adolescente atrás da história da família. Meu avô George Klein nasceu em Königsberg e morreu com mais de 50 anos nos últimos dias de abril de 1945 em Berlim, quando a cidade foi tomada pelas tropas da União Soviética. Nunca o conheci e foi procurando saber mais sobre ele e sua cidade natal que descobri Immanuel Kant; que anos depois me seria tão importante na formação intelectual, política e profissional.

O envolvimento profissional com a luta contra a dopagem teve novamente Kant presente quando aprendi e adotei como diretriz, que a dopagem não é estritamente uma questão sobre drogas ou métodos proibidos no esporte, mas, é sim, uma questão ética se olhada à luz kantiana como proponho.

Sempre que se fala de dopagem as pessoas logo pensam em consumo de drogas terríveis e, por vezes, isso é mesmo verdade. Entretanto, a realidade maior é que a dopagem não é uma questão restrita às drogas

2. ÉTICA, MEDICINA E MOVIMENTO OLÍMPICO

Ana Rente

Beatriz Martins

2.1. INTRODUÇÃO

A palavra ética define-se como um conjunto de regras de conduta que orientam tanto indivíduos como grupos. Na vida em sociedade, estamos constantemente rodeados por regras, o que significa que lidamos com questões éticas diariamente, sendo confrontados com diversas situações e decisões que tomamos muitas vezes de forma instintiva, baseadas nos nossos princípios e valores. Assim, a ética permeia as mais variadas áreas da vida, incluindo o desporto e a medicina.

No campo da medicina, a ética é orientada por um código deontológico, que se define como um conjunto de deveres e regras de natureza ética de uma classe profissional. A deontologia médica é, portanto, composta por princípios que regulam a conduta dos profissionais desta área (Ordem dos Médicos, 2016). Estes princípios são fundamentais para assegurar que as práticas médicas sejam realizadas com integridade, respeito e responsabilidade, garantindo a confiança dos indivíduos e a qualidade dos cuidados prestados.

No âmbito da medicina desportiva, a ética e a deontologia também têm um papel crucial. Aos profissionais da medicina desportiva cabe a responsabilidade de zelar pela saúde dos atletas, tomando decisões que podem influenciar o retorno à atividade desportiva, melhoria da performance e, sobretudo, a sua integridade física e psicológica. As decisões médicas nesta área devem equilibrar a pressão para alcançar resultados desportivos com a necessidade de preservar a saúde e bem-

3. A ÉTICA, PARADESPORTO E CLASSIFICAÇÃO DESPORTIVA

Ana Moreira

Jaime Antunes

3.1. INTRODUÇÃO

É com dupla responsabilidade que nos propomos dar atenção a algumas das questões que afetam e preocupam os que se interessam pela ética e valores no desporto. Dupla porque por um lado pretendemos comunicar uma opinião sobre o tema, não só do ponto de vista de investigação teórico científico, mas também porque queremos contribuir para a valorização do desporto da pessoa, atleta com deficiência, numa «obra» que para nós é um momento de particular significado e uma ocasião de grande esperança para o futuro.

Tal como qualquer outra pessoa, o atleta com deficiência é um ser capaz de amar, de jogar, de competir, de se relacionar e, é neste contexto de relação com os demais, que focalizamos a nossa atenção.

Se, se entende por desporto, toda a forma de praticar atividade física sujeita a determinadas regras que visa proporcionar ao paratleta equilíbrio físico e mental, momentos de prazer, quer por entretenimento quer por competição, a fundamentação do nosso propósito inscreve-se no ponto de vista científico, social, humano e sobretudo ético-moral.

Trataremos da ética no seu sentido mais geral, aplicado ao contexto do desporto de pessoas portadoras de deficiência, conscientes do relativismo e utilitarismo que as questões da ética e dos valores trazem ao desporto.

Ética, tal como a conhecemos, etimologicamente deriva de dois termos gregos: de *éthos* que significa costume, uso, maneira de

4. ÉTICA, MEDICINA DESPORTIVA E ANTIDOPAGEM NOS PALOP

Humberto Lima Évora

A educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo
Nelson Mandela

4.1. INTRODUÇÃO

Desde o início do processo de implementação dos programas antidopagem que se tem constatado, de acordo com a Agência Mundial Antidopagem (AMA), dificuldades da sua implementação nos PALOP (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe), à semelhança do que também acontece com a maioria dos países da Africa subsariana. Polémica, a efetiva implementação das disposições da AMA no continente africano têm suscitado uma crítica incisiva (2).

As razões subjacentes são complexas; para a sua melhor contextualização e compreensão, torna-se necessário ir um pouco atrás no tempo. Os problemas relacionados com a dopagem e outras violações do comportamento ético no mundo do desporto (de resto, já verificados no continente europeu e americano), revelaram a incapacidade e a passividade do Comité Olímpico Internacional (COI) para os resolver.

2 ^a ratificação por quase todos os países africanos da Convenção da Unesco sobre dopagem e, portanto, a adopção do Código Mundial Antidopagem é, para muitos países, uma mera medida de exibição, tanto quanto prioridades mais importantes continuam por resolver. Em vez de questionar os países, que são forçados de jure a ratificar uma convenção que sabem não poder aplicar para que os seus atletas participem em competições internacionais, deveríamos questionar as flagrantes deficiências da Agência Mundial Antidopagem, que impõe legislação que sabe que não será aplicada.” [Lapouble 2023: 85]. Cf, também, Read *et al.* (2024) e Møller (2016); sobre as questões de privacidade dos atletas, Dimeo & Møller (2018).

5. ÉTICA, SUPLEMENTAÇÃO E ANTIDOPAGEM – A PERSPETIVA DA NUTRICIONISTA

Mónica Sousa

5.1. INTRODUÇÃO

É indiscutível o papel da Nutrição no Desporto, quer seja a nível recreativo, quer seja de alto rendimento. Existem inúmeras estratégias alimentares e nutricionais que podem ser utilizadas com o objetivo de melhorar o rendimento físico e cognitivo. Estas estratégias vão desde ações relativamente simples a outras mais complexas. Uma estratégia simples é garantir um bom estado de hidratação - apesar de ser simples na teoria (a ação final passa por ingerir líquidos, água ou outros como soluções de eletrólitos) na prática pode-se tornar complexo perceber qual o volume de líquidos ideal para cada atleta e para cada circunstância, que depende, por exemplo, de questões meteorológicas ou mesmo do tipo de equipamento desportivo utilizado. Um exemplo de estratégia mais complexa passa por aumentar de forma significativa (poderá ser para mais do dobro) a ingestão de hidratos de carbono nos 1 a 3 dias que antecedem uma competição. Esta estratégia aplica-se essencialmente nas modalidades em que a competição dura mais de 90 minutos e onde haja uma dependência significativa da utilização de hidratos de carbono. Para que a estratégia seja eficaz e cumprida, há uma série de cuidados que se têm de ter, como a ingestão de alimentos pobres em fibra, o que faz excluir a maioria dos hortícolas e das frutas, e o aumento considerável dos alimentos fornecedores de hidratos de carbono simples, como arroz branco, massa branca, sumos e bebidas desportivas (que, para o efeito, não são muito diferentes de sumos com tipos específicos de açúcares). Mesmo neste tipo de intervenção, bem conhecida no âmbito da nutrição desportiva, podemos questionar se,

regulação dos suplementos (definidos do ponto de vista legal como alimentos) é totalmente distinta da regulação dos medicamentos. E esta diferença traz vários problemas do ponto de vista operacional.

Esta forma de organizar a regulação dos suplementos não é exclusiva de Portugal. A nossa lei é a transposição da Diretiva 2002/46/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 1º de junho de 2002, relativa à aproximação das legislações dos Estados-Membros respeitantes aos suplementos alimentares. Por isso, a nível europeu aplicam-se estas regras. Regras similares são aplicadas também nos Estados Unidos da América, onde a FDA (*Food and Drug Administration*) regula a área da suplementação. Deste modo, a problemática relacionada com a suplementação não é apenas um problema em Portugal, mas sim a nível Mundial.

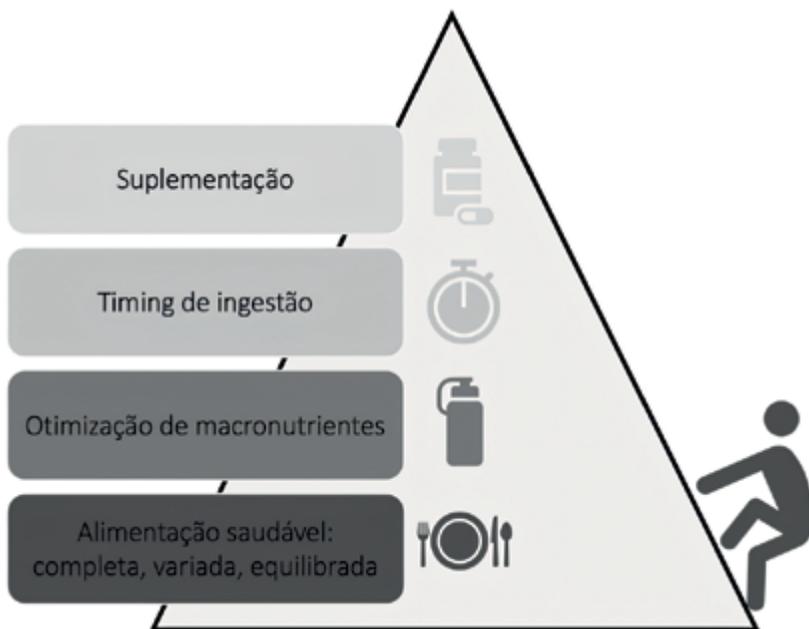


Figura 5.1. Pirâmide de prioridades na Nutrição no Desporto. Imagem desenvolvida por Inês Maldonado. Utilizada com autorização.

6. ÉTICA, TRANSGÊNEROS E AUTORIZAÇÕES DE USO TERAPÊUTICO

Rogério Friedman

6.1. INTRODUÇÃO

A condição de transgeneridade tem implicações sociais, psicológicas, culturais, legais, éticas e clínicas. Embora a Organização Mundial da Saúde tenha retirado a transexualidade da lista de transtornos mentais, a Classificação Internacional de Doenças manteve a condição na nova categoria de “saúde sexual” (OMS, 2024). No Manual de Diagnóstico e Estatísticas em Saúde Mental, fala-se em “disforia de gênero”, termo que procura descrever os impactos sócio-psicológicos desta condição (APA, 2022). O tratamento clínico de afirmação de gênero envolve o uso de hormônios e supressores hormonais cujo emprego é sujeito a regras e à emissão de Autorização de Uso Terapêutico (AUT).

6.2. ATLETAS TRANSGÊNERO

A defesa dos direitos e da inclusão de pessoas transgênero é um *trending topic* da contemporaneidade. É motivo de polêmicas e discussões inflamadas na sociedade. Não poderia ser diferente no meio esportivo.

A disforia de gênero é uma condição considerada rara, acometendo de 5 a 14 de cada 100 mil pessoas designadas como de sexo masculino ao nascer e entre 2 e 3 de cada 100 mil pessoas designadas como do sexo feminino ao nascer (APA, 2013).

NOTAS BIOGRÁFICAS

Ana Moreira

Licenciada em Fisioterapia pela Escola Superior de Saúde Tecnológica do Porto, Mestre em intervenção precoce pela Faculdade de Ciências da Educação e da Psicologia da Universidade do Porto; Doutoramento na Universidade do Porto;

Coorientadora da dissertação de mestrado “Classificação em Boccia-dúvidas e controvérsias”, na FADEUP; Participou no projeto de investigação denominado “Improving Rehabilitatee and Validity of Current Classification Methods for Athletes in Classes T35-T38 e FT5-FT8; Coautora do artigo “Improving communication and language skills of children with developmental disorders: Family involvement in graphic language intervention”; Comunicação Argumentativa e Alternativa: Perspetivas Europeias (pp. 309 - 323). Londres: Whurr Publishers Ltd; Autora do artigo “Elegibilidade e classificação médico-desportiva no desporto paralímpico”, publicado na edição de novembro de 2016 (Ano 7, n.º 6), no Journal of Sports Medicine Inform; Coautora do Manual de Classificação do Andebol em Cadeira de Rodas;

Participação em Missões Paralímpicas, integrada na equipa médica: Jogos Paralímpicos de Barcelona’92; Atlanta’96; Sydney’00; Atenas’04; Pequim’08; Missão nos Jogos Surdolímpicos em Sofia’13; Jogos Paralímpicos do Rio’16. Membro do Comitê de Classificação BISFed. Clasificadora Internacional da CPISRA; IPC; WPA (até 2017); BISFed; IFCPF.



Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.
PORTO, 2024